

## A CONGADA COMO ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO E APRENDIZAGEM: ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

ADRIANE ALVARO DAMASCENA

Universidade Federal de Sergipe (UFS), Aracaju, Sergipe, Brasil

---

**RESUMO:** Este texto procura apresentar como se dá a dinâmica produzida pela relação entre os jovens, a cidade e a congada, numa contínua e descontínua relação de constituição e aprendizagem. A partir dos jovens congadeiros foi possível compreender como, em Goiânia, se configuram as práticas socioespaciais da congada numa troca com os mais velhos e com a própria cidade. Nessa busca, foi necessário recorrer à bibliografia referente à temática e ao trabalho de campo, que implicou o registro fotográfico e entrevista. A congada, que é celebrada por meio dos ternos de congo, tem sua principal atuação nos festejos que comemoram Nossa Senhora do Rosário. Os jovens foram o principal canal de tradução para conhecer as possíveis conexões que apontam a existência e a permanência da congada na cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jovens. Congada. Cidade. Educação.

---

Aprender a ser moderno foi um dos principais desafios no início do século XX, e não poderia deixar de afligir também a nova capital de Goiás, Goiânia. O corpo, os hábitos, o pensar e o agir deveriam ser elementos importantes para a construção de uma nova identidade e de uma nova condição de ser urbano. Hoje, no caso dos jovens congadeiros, ser moderno, possivelmente, implica também o desafio de aprender a lidar com tradições familiares como a congada.<sup>1</sup> É um aprender sem esquecer, é constituir-se ao mesmo tempo urbano, moderno e congadeiro; é iniciar-se na arte da conciliação, do equilíbrio, da negociação. Nesse percurso, as dificuldades são muitas, a própria cidade ora aparece como veículo, ora como impedimento, mas o desejo e a confiança de que tudo dará certo quando se fala em jovens, são mais fortes.<sup>2</sup>

Apesar das dificuldades para se colocar a congada nas ruas de uma metrópole, é o próprio ambiente urbano que vai mostrando as possibilidades dessa realização. Afinal, a cidade educa, mas os caminhos da congada quem ensina é a prática. Essa lição é vivenciada no cotidiano dos jovens, sobretudo pela família, na comunidade, na vizinhança, nos espaços de socialização de uma cidade, quer sejam eles públicos ou privados.

A cidade é o lugar em que o Mundo se move mais; e os homens também. A copresença ensina aos homens a diferença. Por isso, a cidade é o lugar da educação e da reeducação. Quanto maior a cidade, mais numeroso e significativo o movimento, mais vasta e densa a copresença e também maiores os aprendizados (SANTOS, 1998, p. 83).

O aprender e o ensinar com a própria socialização acontecem por meio da vivência cotidiana, pela qual o conhecer é construído por meio de intercâmbios ou comunicação, e pauta o amadurecimento dos jovens, tanto nos caminhos quanto nos descaminhos, próprios das grandes cidades. Pois é aí que se estabelece a mediação entre indivíduos e costumes, as normas e a ética. O homem aprende nos grupos os elementos da cotidianidade:

A vida cotidiana é a vida com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões e ideologias (HELLER, 1992, p. 17).

Em grupos como o da congada, as habilidades vão sendo aprendidas no dia a dia, na prática (BRANDÃO, 2000), na interação com o outro, com o igual, mediada pelo desejo de realização e pela emoção.

Nesse caminho, é preciso que os jovens saibam sobre a história do terno<sup>3</sup>, da congada e das dificuldades encontradas na sua permanência na cidade. Saber sobre a necessidade de continuar, saber da necessidade do compromisso de dar continuidade, e ainda, saber que esse trajeto não é fácil<sup>4</sup>.

São diversas as dificuldades enfrentadas pelos ternos para continuar a existir, uma vez que práticas de culturas tradicionais não são pensadas para espaços modernos e estes não estão preparados para as referidas práticas. Os percalços encontrados são tantos do ponto de vista externos quanto internos aos grupos, como a necessidade de reintegração dos membros do terno que se dispersam nos afazeres da vida cotidiana e que precisam se reconectar. A isso se soma, também, a necessidade de financiamento e apoio para a realização do evento. O nível de cobrança e a iminência da responsabilidade não são leves,

são pesados. Afinal, é preciso não deixar a tradição acabar, é indispensável reanimar todos que estão dispersos e acreditar que o compromisso com a congada ainda faz sentido, não só individualmente, mas coletivamente. Todavia o compromisso não pesa para todos, como pode ser observado quando uma jovem congadeira, Poliana, reforça a sua adesão espontânea: “Mas para mim não é obrigação, porque eu gosto”. É essa consciência da responsabilidade, o espírito de luta e de força que os mais velhos esperam dos mais jovens para haver a continuidade da tradição. É preciso acreditar nos jovens, é preciso confiar na possibilidade da continuidade. Na congada, a família é o campo mais fértil para brotar esse aprendizado, como observamos no trecho abaixo:

Eu aprendi no dia a dia, na convivência, com os meus pais, com os amigos de meu pai, que hoje dançam, outros são falecidos, outros já não têm força para acompanhar. Eu fui aprendendo assim. *Porque nós não temos espaços para reunir, trabalhar a história das congadas.* Então, eu fui observando, vendo as dificuldades e me interessando (Valéria Eurípedes Santos, coordenadora da Irmandade 13 de maio, Goiânia, 2003, grifo nosso).

Um dos principais ensinamentos na esfera da congada é acreditar, saber e lutar pelos direitos, pelo que acredita e para realizar o seu sonho, que na maioria das vezes não é sonho individual, mas coletivo, construído com arranjos e estratégias de ser e de fazer que não podem nem devem ser desprezados, pois são conhecimentos construídos ao longo dos anos, e que dizem respeito a saberes, realização e apropriação de espaços. Conquista coletiva visando à possibilidade de criação e de transformação do é que é verdadeiramente viável.

Paulo Freire não nos deixa esquecer a importância de acreditar nos sonhos e nas lutas:

Ai daqueles e daquelas, entre nós, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e anunciar. Sonhar coletivamente é, pois, um desafio que se coloca a todos (as) que lutam pela reinvenção da educação e de outros espaços educativos (FREIRE, 2001, p. 31).

A congada funciona como espaço educativo. Para tanto, é necessário ver a educação como prática social que se expressa nas relações sociais presentes numa determinada sociedade, elaborando assim processos formativos cotidianos de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, as relações pedagógicas (ensino-aprendizagem) existem em toda sociedade e em todo indivíduo na sua relação com outros indivíduos.

Os ensinamentos são os mais diversos possíveis. Olhar para a particularidade e para a diversidade na educação exige, por conseguinte, redimensionar a noção de conhecimento, de ensinar e de aprender. Para isso é preciso problematizar a questão da transmissão e da construção do conhecimento, levando em consideração que os homens produzem esses processos ao longo da história, nas dimensões socioespaciais, culturais, elaborando-os e constituindo-os no cotidiano por meio da experiência (DAMASCENA, 2004).

Como afirma a coordenadora<sup>5</sup> de um dos ternos:

A congada me ensinou a ter respeito uns com os outros, ensinou o respeito pelas culturas e lutar por uma cultura melhor, principalmente dentro de Goiânia, de não ter vergonha de mostrar o que você é, e do que você gosta. Quando eu era pequena, a gente saía na rua com a congada, as pessoas chamavam a gente de macumbeiro, mandava a gente trabalhar, caçar o que fazer, que parasse com aquele barulho. *Então, eu aprendi muito mesmo. A lutar pelos ideais, não deixar que a nossa cultura fique no impasse de não caminhar. Eu aprendi muito mesmo. Sou orgulhosa de estar nesta luta.* Não tenho vergonha de falar que eu tenho uma religião, eu busco esta religião da congada. Tudo que envolve a história das congadas eu estou no meio. Porque a minha cultura é esta eu não posso ter vergonha (Valéria Eurípedes, Irmandade 13 de Maio, Goiânia, 2003, grifo nosso).

É preciso pensar a congada como um possível elemento mediador na educação dos seus praticantes, constituindo nessa relação uma referência identitária cultural e formativa. Uma efetivação da compreensão da congada como elemento mediador e de formação se pauta, de certa maneira, na herança familiar e do grupo em geral, repostada dinamicamente no presente através da memória, mesmo que esteja num espaço urbano moderno como a cidade de Goiânia, que por vezes se mostra intolerante com práticas de rua, pois precisa também aprender com a congada: quem é sua população, e de quantas diferenças e particularidades é formada.

Certamente, o espaço urbano de uma metrópole não é um espaço acolhedor para a realização da congada. No entanto, a visão do congadeiro nessa dinâmica diz respeito ao vivido, aos meios de fazer a família ficar unida como estratégia de fortalecimento e resistência. A organização e a aprendizagem da congada vão se fazendo aos poucos e, dentro do possível, vão sendo tecidas dentro da trama socioespacial referente tanto à cidade de Goiânia quanto à própria congada.

O estranhamento foi diminuindo com o decorrer dos anos, uma vez que vai se criando o hábito e se conquistando espaços. A confirmação

de que os jovens percebem a importância da sua permanência na congada vem do fato de que muitos deles não faltam um ano sequer ao evento, estão empenhados na participação nos ensaios (cerca de um a dois meses de antecedência) e na própria festividade, desde o levantamento do mastro com a bandeira dos santos, a alvorada, e nos cortejos que incluem as visitas às casas dos devotos e membros dos ternos, até a entrega da coroa da santa na igreja. Por fim, seguir à casa do festeiro do ano seguinte. Esses episódios ocorrem muitas vezes concentrados em um único final de semana, na própria comunidade. É um compromisso reafirmado ano a ano. Uma vez dentro do terno, é possível perceber uma fidelidade ao grupo, um sentimento de integração por parte dos jovens presentes na congada.

A presença contínua dos jovens dentro do terno é um elemento que o fortalece, em virtude da colaboração aos mais velhos, imprimindo também uma forma muito particular de fazer com que a congada se fortaleça, dando-lhe uma dimensão muito maior, que é o recurso do registro. Eles têm tomado para si também esta responsabilidade.

O registro da congada, por meio escrito ou audiovisual, tem hoje sua divulgação instantânea em função das redes sociais, veículo preferencial dos jovens. Nessas estruturas virtuais de comunicação surpreende o apelo pedagógico presente nas postagens, na medida em que, muitas vezes, envolvem definições necessárias para um mínimo entendimento do que venha a ser a congada, ou para entender como ela funciona. O “ensinamento” já estava presente nos *posts* dos perfis de jovens congadeiros nas redes sociais. Atualmente, o perfil não é mais individual, mas comunitário: do terno, da irmandade, como o “*Congadas de Goiânia*” e outros, atualmente mais fragmentados, referentes aos diversos ternos de congo.

Nem a cultura de massa de nosso tempo, nem a cultura imposta pelos antigos poderes foram capazes de reduzir as identidades singulares ou as práticas enraizadas que lhes resistiram. O que mudou, evidentemente, foi a maneira pela qual essas identidades puderam se enunciar e se afirmar, fazendo uso inclusive dos próprios meios destinados a aniquilá-las. (CHARTIER, 1995, p. 4).

Os jovens perceberam e ensinaram aos mais velhos que a internet tem ajudado na manutenção da memória como algo além de lembranças, mas também como possibilidade de permanência de ações individuais e coletivas, o que contribui para a permanência de festa e a sua “integridade” (GIDDENS, 1991), resultado da persistência, mas, sobretudo, pelo trabalho de interpretação empregado para a continuidade da congada.

Juntamente à trajetória histórica, é importante lembrar os nexos encontrados entre as trajetórias dos arautos e também dos jovens congadeiros para entender que a dinâmica da congada não ocorre sem tensão, ou sem enfrentamentos, no tocante à aceitação e própria existência e permanência dessa manifestação cultural.

Com o ensinamento dos mais velhos sobre o que venha a ser a congada, os jovens colocaram seu conhecimento nas redes sociais possibilitando a esses grupos produzirem suas próprias notícias, seu próprio “material didático”, e democratizam, assim, o acesso sobre as diferenças dentro da manifestação: os diferentes ternos da congada, o que usam, o que fazem e como fazem. Com a produção desse material, fica claro que esses jovens são de fato protagonistas de suas histórias e colocam a congada em outro patamar, importante para o reconhecimento e para a visibilidade das ações que são (eram) feitas na localidade, num bairro da periferia da cidade de Goiânia. Em função das redes sociais, os congadeiros saem do âmbito local e passam para o âmbito global. Com essa iniciativa os jovens passaram a ser produtores de conhecimento, por meio de vídeos, de textos, de sons e de imagens.

Para exemplificar, segue abaixo uma adaptação de um dos materiais que eles disponibilizaram nas redes sociais, o “glossário das congadas”, uma parceria com as congadas da cidade de Catalão-GO, constituindo uma rede de conhecimento e de troca, que mostra o nível de organização e de interação entre os grupos e, principalmente, entre os jovens. Com isso, temos acesso também aos conhecimentos da congada postados por eles mesmos, como pode ser visto na imagem a seguir, representando a congada de A a Z<sup>6</sup>.

Tabela 1 - Congada de A até Z.

<b>Alvorada:</b> evento que marca oficialmente a abertura da Festa. Os congueiros, sem uniforme, se reúnem na porta da igreja na madrugada do primeiro dia de festa, tocam, dançam, e depois tomam café juntos.	<b>Farda:</b> roupa dos dançadores da congada.
<b>Bandeirinhas:</b> mulheres que carregam a bandeira dos santos padroeiros na frente dos ternos	<b>Festeiro:</b> pessoa escolhida para a parte festiva da festa de N. Sr <sup>a</sup> . do Rosário.
<b>Caixa:</b> instrumento de congada feito artesanalmente num aro de madeira, coloca-se couro de boi e usa-se aro de ferro e parafusos para esticar o couro	<b>General:</b> Homem responsável por comandar todos os grupos de congada
<b>Cambito:</b> feito de madeira. É usado para bater nas caixas para sair o som.	<b>Guarda-coroa:</b> homens responsáveis a acompanhar a coroa durante os cortejos.

(continua)

<b>Capacete:</b> chapéu confeccionado artesanalmente, usado pelos dançadores.	<b>Guia:</b> homens que vão na frente dos ternos de congo
<b>Capitão:</b> homem responsável pelo comando do terno.	<b>Juizas:</b> mulheres que acompanham os ternos, são responsáveis pelas bandeirinhas
<b>Catupé:</b> um dos grupos da congada. Os instrumentos básicos são caixas grandes e pandeirinhos. Suas vestes tem como características saiotes e chapéus de palha enfeitados.	<b>Levantamento do mastro:</b> é um evento realizado no sábado, em que é erguida uma bandeira com a imagem de N. Sr <sup>a</sup> . do Rosário e São Benedito na porta da igreja. Antes, porém, há um cortejo acompanhado pelos ternos da congada sem farda.
<b>Congada:</b> reunião dos grupos de congo, catupé, moçambique e o reinado, para realização da festa (que tem ainda a parte religiosa missa e procissão)	<b>Moçambique:</b> um dos grupos de congada. É o terno que sempre está à frente da coroa de N. Sr <sup>a</sup> . do Rosário vestidos de branco
<b>Congadeiro:</b> pessoa que, desde na barriga da mãe, já é um dos integrantes da congada.	<b>Mordomos:</b> pessoas responsáveis em guardar a bandeira do mastro
<b>Congo:</b> um dos grupos da congada. As caixas são o principal instrumento.	<b>Reinado:</b> composta pelo rei, rainha, príncipe e princesa
<b>Congueiros:</b> pessoas que, por promessa ou por gostar, participam dos grupos de congada.	<b>Saiotes:</b> faixa com fitas coloridas pregadas, colocada na cintura, usadas por dançadores de catupé;
<b>Coroa:</b> símbolo da congada.	<b>Terno:</b> o mesmo que grupo de congada
<b>Dançadores:</b> mesmo que congueiros ou congadeiros.	<b>Vilão:</b> um dos grupos de congada. Usa caixas grandes e varetas de madeira enfeitadas em sua extremidade.
<b>Entrega da coroa:</b> evento oficial que finaliza a apresentação da congada. Também é a oportunidade para conhecer o novo festeiro que recebe a coroa do festeiro do ano anterior.	<b>Visita:</b> Os grupos vão em casa de devotos de N. Sr <sup>a</sup> . do Rosário ex-dançadores.

Fonte: Adaptação do material produzido pela Irmandade Nossa Senhora do Rosário.

Iniciativas como essas permitem entender o caráter formador e o princípio educativo da congada, na medida em que possibilitam ver o enraizamento no passado e o compromisso com um projeto de futuro. O que nos remete em certa medida a construção social de uma identidade de projeto, como nos lembra Castells (2001, p. 23): “os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade”.

O interesse de que a manifestação seja conhecida e registrada passa possivelmente pela compreensão da importância da escrita e da imagem na sociedade atual. A escrita é tão central nos dias de hoje que aqueles que ainda não a possuem encontram-se em situação de inferioridade (FISCHER, 2009). Hoje, entre os ternos de congo, possivelmente há uma crescente escolaridade entre os participantes, em função das políticas de democratização da educação e a obrigatoriedade do ensino público, principalmente pelo considerável número de jovens e crianças que fazem parte dos ternos ou acompanham o cortejo<sup>7</sup>.

O exercício da escrita traz certamente uma nova aptidão intelectual, uma nova organização do saber, mas também um aspecto da organização de um novo poder.

A oralidade se (re)compõe a partir da escrita e no interior de um meio em que esta predomina sobre os valores da voz na prática e no imaginário; invertendo o ponto de vista, diríamos que a oralidade mista procede da existência de uma cultura escrita (no sentido de “possuindo uma escrita”); a oralidade segunda, de uma cultura letrada (na qual toda expressão é marcada pela presença da escrita). (ZILBERMAN, 2009, p. 124).

Junto à escrita há também um forte desejo de criar um espaço específico para atuação da congada, numa forma de empreender a instituição da memória. Isso se daria, por exemplo, pela construção de uma sede para o terno, para que se possa saber mais através de um local onde seja possível acessar as informações sobre a congada na cidade, enquanto que nas redes é possível alimentar um intercâmbio entre os diversos ternos de diferentes lugares. Desse modo, quando se fala em educação é preciso não se esquecer de que não há amanhã se não houver projeto que diga respeito a um sonho, a uma utopia e a uma esperança, da mesma maneira que é necessária a presença do trabalho de criação e do desenvolvimento de condições para a realização da proposta (FREIRE, 2001). E a troca por meio da interação intergeracional é fundamental para a legitimidade da permanência e das mudanças na congada.

## RELAÇÕES INTERGERACIONAIS E A MANUTENÇÃO DA CONGADA

Junto aos mais velhos, a família é um lugar bastante fértil para a construção das lembranças e consolidação da memória. Ela estabelece um importante nexos entre o indivíduo e o passado, e do indivíduo com o grupo. A família é, ao mesmo tempo, o objeto das recordações dos indivíduos e o espaço em que essas mesmas recordações podem ser avivadas.

Na congada, como em muitas manifestações culturais tradicionais, é possível perceber que ela ocorre envolta em um forte laço familiar e é carregada de ancestralidade, que marca significativamente seu lugar na festa e a aproxima fundamentalmente como um saber banto<sup>8</sup>, pois vê os ancestrais, as divindades e outras existências sensíveis, tais como o grupo social e ainda os elementos culturais específicos para a manutenção da manifestação cultural (LOPES, 2006).

Percebe-se que, ao longo dos anos, mudou o motivo pelo qual se começa a dançar congo, e mudou a maneira como isso passou a ser feito, mas o vínculo com a manifestação continua forte, mesmo que de maneira “atualizada”, talvez por envolver uma visão de ancestralidade e entrecruzamentos que remetem à cultura banta, em que a vida é uma extensão da ancestralidade, e tem como centralidade a preparação dos mais jovens para uma missão de perpetuação das práticas por meio dos ensinamentos. Isso pode ser encontrado em Leda Martins, para quem:

Essa concepção filosófica erige o sujeito como signo e efeito de princípios que não elidem a história e a memória, o secular e o sagrado, o corpo e a palavra, o som e o gesto, a história individual e a memória coletiva ancestral, o divino e o humano, a arte e o cotidiano. (MARTINS, 1997, p. 39).

O processo de transmissão dentro da congada é forte e definitivo. A ligação implica compromisso e reconhecimento dos jovens para com os mais velhos e destes com aqueles, como se pode ver no depoimento de um jovem congadeiro.

Pra mim é muito importante, porque eu já nasci dentro da congada! Eu sou muito elevado perante toda minha família, que, meus avós, meus pais. Tudo já participaram da congada, já foram festeiros. Gosto muito! (João Vitor Antonio, congadeiro, 19 anos, Vila João Vaz, 2009).

Esse sentimento de orgulho e compromisso é algo que eles gostam de relatar, mas, mesmo sabendo da importância de tudo isso, às vezes essa missão se torna um peso e faz alguns desistirem pelo caminho, por algum tempo ou sem data para voltar.

Geralmente há um estreito vínculo entre os participantes dos ternos e suas famílias. São vínculos estabelecidos entre diversas gerações, como relata uma das organizadoras da irmandade:

Meu *pai* mesmo é um dos fundadores aqui em Goiânia, que trabalhou muito na busca de deixar aí divulgado o Congo Rosa e Branco. Minha *mãe* foi uma das primeiras bandeiras do Congo Rosa e Branco. Minha *irmã* de criação, Maria da Conceição, foi a primeira bandeirinha da Irmandade 13 de Maio, que hoje ela está com 33 anos de atividades. E eu tenho parentes, *irmãos*, tenho *primos e minhas filhas*. Minha filha mais velha, hoje, é princesa da irmandade. A coroa passa de geração em geração, principalmente de parentesco (Valéria Eurípedes, coordenadora da Irmandade 13 de maio, Goiânia, 2003).

Participam da festa praticamente três gerações, como pode ser visto no depoimento anterior. São os avós, os filhos e os netos em descendência direta, e também entram aí os parentes em linha horizontal, ou seja, irmãos, cunhados, primos, genros, todos envolvidos visceralmente com o ritual da festa.

Os ensinamentos e a influência familiar vão passando de geração em geração e desde nova a criança vai sendo apresentada aos mitos e ritos da congada. Seus primeiros passos já vão se dando dentro dos ternos, nos ensaios e nos dias de festa, possivelmente uma sensação de diversão e de descoberta. A criança se vê pertencente a uma vivência rica, dinâmica e divertida.

Olhar os congadeiros por meio de uma abordagem sociocultural possibilita vê-los nas diversas formas de expressão dos jovens, como cultura juvenil, e incluem nos seus aportes a questão da diversidade como elemento fundamental para as identidades juvenis, que são resultado de uma construção sociocultural. Também nesse sentido se veicula a ideia de que se transcendem as fronteiras das classes e se apreende uma complexa combinação nos comportamentos juvenis, que implicam a junção de elementos ligados ao poder envolvendo classe, gênero, raça, sexualidade e, ainda, idade (ALPIZAR; BERNAL, 2003). Do mesmo modo, não se pode perder de vista que nessa composição a realidade espacial é fundamental na constituição dessas identidades.

A sociedade capitalista moderna, ou pós-moderna, como querem alguns, engendra uma juventude em busca de identidade.

Vivir la juventud ya no era —como en el complejo Tarzán - transitar de la naturaleza a la cultura, ni tampoco —como en el complejo Peter-Pan—, resistirse a la adultez, sino experimentar la errancia del destino incierto. (FEIXA, 2006, p.12).<sup>9</sup>

Feixa (1999, 2006), que é um dos principais teóricos sobre juventude, trabalha com a denominação “cultura juvenil” para se referir ao que está sendo experienciado e vivido pelos jovens, ao que é expresso coletivamente e que resulta em estilos de vida diferentes, vivenciados nos tempos livres ou, ainda, em espaços institucionais. De um ponto de vista mais restrito, as culturas juvenis são algo como *microsociedades juvenis*, que existem independentemente das instituições adultas. Apresentam, assim, certa autonomia quando se instituem espaços e tempos próprios. As culturas defendidas pelos jovens são como bandeiras de luta, com direito à fronteira de defesa, onde tudo é feito de maneira a ser identificado e reconhecido como pertencente a determinado grupo.

As culturas juvenis, nas quais os jovens criam seus próprios rituais e apresentam suas próprias regras, são as mais diversas. Seja lá qual for o continente, o país, a região, o estado, a cidade ou o bairro, se apresentará uma diversidade enorme de possibilidades de expressão dos jovens ali presentes.

Mesmo quando se trata de práticas culturais tradicionais, não há como não compreender o protagonismo dos jovens nesses eventos. Com ele, é possível abrir um novo mundo, mesmo que virtual, e a cada instante criar ideias para melhorá-lo. Cria-se, assim, uma própria cultura juvenil fundada na cultura tradicional, mas com uma interpretação própria da geração. Essa ação, para a comunidade ou o local no qual ele se encontra, pode proporcionar importantes mudanças. O lugar pode ser entendido de diversas maneiras, não apenas como espaço onde se mora ou de socialização, mas também espaço de relações afetivas e simbólicas, carregado de sentido. É a produção de espaço físico em espaço social, ou seja, para as ações que, além de socialmente construídas, têm também uma configuração espacial.

As ações realizadas que atendem ao protagonismo juvenil acima mencionado são, muitas vezes, materializadas por meio de projetos de intervenção que trabalham com o resgate da cultura dos adolescentes e com sua valorização como pessoas, sujeitos de direito, portadores de uma rica tradição histórico-cultural. Na condição de protagonistas que os jovens da congada aparecem neste trabalho, transformam sua realidade por meio das realizações diante do enfrentamento das dificuldades, e o respaldo dos arautos da congada podem ajudar nesse sentido.

Nos estudos culturais, a história é substituída pelo passado, pela memória e então trazida para sua íntima conexão com o presente e o futuro. *A memória e o desejo constituem a temporalidade através da qual os lugares emergem como fenômenos vividos e significativos.* Uma série de estudos recentes, tanto da geografia cultural quanto da história, revelou o grau em que a memória é social tanto quanto individual. As relações sociais da memória são a memória das relações sociais. (COSGROVE, 1999, p. 24, grifo nosso).

Reviver a congada, mesmo para os jovens, é reanimar a memória social dos negros e dos devotos dos santos celebrados pela festa. Essa memória é “trazida” até o presente momento e apresentada como legado às novas gerações, para não esquecerem quem são, de onde vieram, e o que devem saber para continuar a ser quem são. É possível acompanhar a relação pedagógica presente na congada.

O que eu sei do mundo, é da congada. Leitura eu não tenho, tenho a leitura do gato, para “ler e escrever”: *o olhar*. Cê entendeu? A minha educação eu aprendi na congada [...] A minha educação, o meu professor, foi a congada (Senhor Pedro Cassimiro, Goiânia, 2003).

A reedição de cada canto, de cada dança e de toda a liturgia permite aos congadeiros a sua perpetuação. Assim como dos conhecimentos relativos aos fazeres da manifestação. Para os mais velhos, os jovens são fundamentais para a manutenção da congada:

Eles estão aqui para nos representar futuramente. Eles são o futuro de nossa irmandade, da nossa congada. Eles daqui a alguns anos, quando um se for, eles vão estar nos representando, então tem que começar, desde agora, a aprender a hierarquia da congada, o que é a congada. Hoje não são muitos que nasceu dessa cultura. Hoje são convidados para participar, porque gostou, estão aqui dançando conosco. Eles vêm compartilhar, aprender e futuramente eles vão nos representar (Valéria Eurípedes, coordenadora do Terno 13 de Maio, Goiânia, 2010).

Acompanhando a congada ficou claro que, para entendê-la, não se deve reduzi-la apenas aos dias de festa. Isso requer uma ação cultural que diga respeito à reatualização do passado das cidades de origem dos congadeiros, dos familiares que se foram, há necessidade de se abrir mão de uma condição individual para aderir à dimensão social, ter uma postura mais coletiva, às vezes até político-religiosa. Essa opção implica relações de parentesco, fidelidades firmadas entre moradores que são estabelecidas levando-se em consideração a formação de consciência de grupo, que vai sendo continuamente atualizada com base na reciprocidade que, no caso da congada, é ritualizada. O lugar de moradia muitas vezes vira lugar de encontro comunitário, se transforma em local sagrado em dias de festa. São essas interpretações do sentimento de comunidade que dão sentido ao seu lugar no mundo e na cidade.

Nesse contexto, é um constante reinventar-se para poder permanecer, revelar e assegurar seu conhecimento, seu patrimônio.

Para atender a essa demanda, é preciso entender que o reconhecimento do que seja patrimônio vai além dos monumentos (além da pedra e cal). Para tanto, devem-se considerar os cantos, as lendas, músicas, provérbios e outras expressões “populares”, que se pautam numa compreensão mais complexa de patrimônio, como saberes, celebrações, formas de expressão, e também os lugares.

Um patrimônio cultural é constituído de bens fundamentais e inalienáveis, materiais ou não... um patrimônio abriga objetos, sítios, hábitos, costumes, textos orais e escritos, canções, rituais, jogos, folguedos, mitos e outras histórias, filosofias que guardam significados, entre outros, de ordem religiosa, tecnológica, laboral, pedagógica, e que se encontram preservados em estilos de vida, rituais religiosos, habilidades artísticas, soluções técnicas, procedimentos intelectuais. (SILVA, 2003, p. 184).

Há várias formas de pensar o patrimônio, uma vez que não se trata de uma categoria estanque, mas que sofre modificações, tanto do ponto de vista do tempo (o ontem e o hoje em diálogo contínuo), como de escala, considerando que diferentes sociedades humanas apontam para diferentes formas de pensar o que seja patrimônio.<sup>10</sup> É preciso atentar para a importância da contribuição das diversas culturas, para que não se perca saberes e manifestações culturais que foram, e em alguns casos ainda são, fundamentais para a identidade de povos de várias localidades.

A manutenção de práticas como a da congada implica a utilização de recursos como o da memória social, atualizada na repetição dos ritos, revelando uma unidade e uma identidade social pautada pela prática da particularidade, da diversidade cultural e socioespacial, e pelo interesse dos jovens comprometidos com a permanência da celebração e com a sua atualização.

Artigo recebido em: 15/04/2016

Aprovado para publicação em: 04/06/2016

---

#### THE CONGADA AS SOCIALIZATION AND LEARNING SPACE: BETWEEN THE PAST AND THE PRESENT

**ABSTRACT:** This paper aims to present how it works the dynamic produced by the relationship among the young people, the city and the congada in a continuous and discontinuous relationship of formation and learning. From the young *congadeiros* in Goiânia, it was possible to understand the configuration of the socio-spatial practices of the *congada* in an exchange with the elderly and with the city itself. In this study, it was necessary to resort to the literature on the subject and to the field work, which led the photographic record and interview. The *congada*, which is celebrated by the *congo* groups (*ternos*), has its main operations in the festivities that celebrate *Nossa Senhora do Rosário*. Young people were the main translation channel to find the possible connections that link the existence and permanence of the *congada* in the city.

**KEYWORDS:** Youth. *Congada*. City. Education.

---

---

## LA CONGADA COMO ESPACIO DE SOCIALIZACIÓN Y DE APRENDIZAJE: ENTRE EL PASADO Y EL PRESENTE

RESUMEN: Este texto pretende presentar como acontece la dinámica producida por la relación entre los jóvenes, la ciudad y la congada, en una relación continua y discontinua de construcción de aprendizaje. A través de los jóvenes 'congadeiros' fue posible entender cómo, en Goiânia, se establecen las prácticas socio-espaciales de la congada, en un intercambio con los ancianos y con la propia ciudad. En esta búsqueda, fue necesario recurrir a la literatura sobre el tema y al trabajo de campo, lo que llevó al registro fotográfico y entrevistas. La congada, que se celebra a través de los grupos (*ternos*) de congo, tiene su principal actuación en las festividades que celebran la Virgen del Rosario. Los jóvenes fueron el canal principal de traducción para conocer las posibles conexiones que enlazan la existencia y permanencia de la congada en la ciudad.

PALABRAS-CLAVE: Jóvenes. Congada. Ciudad. Educación.

---

## NOTAS

1) A congada é celebrada por meio dos ternos de congo, que tem sua principal atuação nos festejos que comemoram Nossa Senhora do Rosário. Por sua exuberância, esses eventos se tornam uma festa na qual a santa é louvada pelas ruas, por meio do canto e da dança, criando-se um espaço de síntese de cultura e costumes tanto tradicionais quanto modernos. São práticas culturais inicialmente exclusivas da população negra, ligadas a saberes, valores, mitos e ritos de origem. Hoje dão forma ao louvor a Nossa Senhora do Rosário. Assim, a Congada abrange todas as manifestações em que participam os diversos ternos, ligados à irmandade e ao reinado.

2) Depoimento : “Os jovens são fundamentais para a continuidade, como pode ser visto no depoimento de um capitão de terno: “No meu terno, não tem tantos jovens quando eu desejaria. Mas eles estão chegando, são muitas as dificuldades, o trânsito, as pessoas não respeitam muito, joga o carro para cima da gente, moto [...] aumenta muito a preocupação. Mas está vindo aos pouquinhos. Os pais, muitos são congadeiros também estão trazendo os seus meninos para a congada” (Sandro Rodrigues, capitão do Terno Rosa e Branco, Goiânia, 2010).

3) O termo “terno” refere-se ao grupo de dançadores que se vestem com roupas iguais, como um batalhão de soldados. Os ternos de congo festejam a santa de uma maneira muito particular, com cantos que comportam temática de louvor aos “santos pretos”, cantos que mantêm tradição ancestral, mas são carregados de improvisos que dizem respeito a eventos ocorridos no momento do cortejo e das visitas.

4) Depoimento : *“Mas para mim não é obrigação, porque eu gosto. Minha bisavó era dona de nosso terno, ela faleceu há mais de 22 anos, o nome dela é Santana. Minha avó era dona Ofélia. Aqui em Goiânia, nosso terno foi fundado em 1972/3 e a partir disso houve muita coisa, o pessoal tentou parar, pararam uma vez. Ficaram sete anos parados, o pessoal desanimou porque não tinha ninguém pra ser apoio, num tem união. Infelizmente os dançadores que tem hoje são dançadores de 10 anos atrás. Num é aquele terno que todo mundo quer entrar, os que tão aqui é porque gostam mesmo”* (Poliana Gonçalves Silva, bandeirinha, Terno Canarinho/Verde e Amarelo, 19 anos, Goiânia, 2009)

5) O termo coordenadora é como se autointitula, no período, a entrevistada. Hoje tal denominação está mais ligada à congada Irmandade 13 de maio em Goiânia. Cada terno é também denominado simplesmente de congada ou batalhão pelos participantes

6) Novas postagens disponíveis em: <<http://congadavilajoavaz.blogspot.com.br>>. Acesso em: 01 abr. 2016.

7) Na cidade de Goiânia, boa parte dos ternos tem como componentes majoritários os jovens, dados mais detalhados no trabalho de fim conclusão de doutorado: Os jovens, a congada e a cidade: percursos e identidades de jovens congadeiros de Goiânia – IESA/UFG– Goiânia/Goiás/Adriane – Damascena – 2012.

8) O ser humano, na sociedade banto, acompanha as sociedades tradicionais e segue um dinamismo de forças em que o mais velho fortalece os mais jovens e estes dependem dos pais, dos antepassados, de seu grupo e sua realidade. O saber banto considera o movimento entre passado e presente chamando de forma sagrada a existência em grupo. É o que afirmam acerca dos bantos Kabengele Munanga (1984) e Leda Martins (1997).

9) Tradução: *“Viver a juventude não é – como vivia Tarzan – transitar entre a natureza e a cultura, nem tão pouco como o complexo de Peter Pan –, resistir a se tornar adulto, é se não, experimentar a errância do destino incerto”*.

10) Valorizando a constituição patrimonial das diversas populações no mundo, a Unesco criou a Proclamação das Obras-Primas do Patrimônio Oral e Intangível da Humanidade, que seleciona espaços e expressões de excepcional importância em diversos países. Iniciativas como essa fundamentam formas mais eficazes de preservar o que há de intangível e de garantir que os portadores deles possam continuar produzindo e transmitindo seus saberes e conhecimentos. Assim, a referida organização criou um programa de Tesouros Humanos Vivos, que estimula os países a criarem um sistema permanente de identificação de pessoas (artistas, artesãos etc.) que encarnam, com destaque, as habilidades e técnicas necessárias para a manifestação de certos aspectos da vida cultural de um povo e a manutenção de seu patrimônio cultural material e imaterial (IPHAN, 2006)

## REFERÊNCIAS

ALPIZAR, L.; BERNAL, M. La construcción social de las juventudes. Última Década, CIDPA Viña Del Mar, n. 19, p. 105-123, nov. 2003.

\_\_\_\_\_. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense: 2000.

CASTELLS. M. *O Poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra. 2001.

CHARTIER, R. *A Nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

COSGROVE, D. Geografia cultural do milênio. In: ROSENDHAL, Z.; CORREA, R. L. (Org.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 17-46.

DAMASCENA, A. A. *Ser negro em Goiás: o caráter formativo das congadas como manifestação cultural negra na cidade de Goiânia*. Relatório Final, Concurso Negro e Educação, Anped, 2004.

FEIXA, C. De culturas, subculturas y estilos. In: \_\_\_\_\_. *De jóvenes, bandas y tribus*. Barcelona: Editorial Ariel, S. A., 1999. p. 84-105.

\_\_\_\_\_. Generación XX: teorías sobre la juventud en la era contemporánea. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales - Niñez y Juventud*, v. 4, n. 2, p. 1-18, jul./dez. 2006.

FISCHER, S. R. *Uma breve história da Linguagem: uma introdução a origem das línguas*. São Paulo: Novo Século Editora, 2009.

FREIRE, P. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: UNESP. 2001.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

IPHAN. *Patrimônio Imaterial: O Registro do Patrimônio Imaterial*. Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2006.

LOPES, Nei. *Novo Dicionário Banto do Brasil*. São Paulo: Pallas Atenas, 2006.

MARTINS, Leda M. *Afrografias da memória: o rosário de Jatobá*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza, 1997.

MUNANGA, K. O universo cultural africano. *Revista da Fundação João Pinheiro*, Belo Horizonte, n. 10, p. 64-78, 1984.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

SILVA, Petronilha B. Gonçalves. Aprender a conduzir a própria vida: dimensões do educar-se entre afrodescendentes e africanos. In: BARBOSA, Maria Lúcia Assunção et al. *De preto a afro-descendente: trajetos de pesquisa sobre o negro, cultura negra e relações étnico-raciais no Brasil*. São Carlos: EdUFScar, 2003. p. 181-198.

ZILBERMAN, Regina. Memória entre a oralidade e escrita. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 117-132, set. 2006.

---

ADRIANE ALVARO DAMASCENA: Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Atualmente é professora da Educação Básica da Rede Estadual de Sergipe e desempenha a função Coordenadora de Tutoria do Curso de Aperfeiçoamento Estatuto da Criança e do Adolescente pelo CESAD da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Supervisora do curso de Especialização "Escola que protege" CESAD/UFS. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Fundamentos da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: História da Educação, Patrimônio, Currículo, Congada, História.  
E-mail: adridamascena@gmail.com

---

